

**Selecció de poemes** del llibre VARGAS, Fábio Aristimunho (Org. e trad.). *Poesia catalã: das origens à Guerra Civil*. São Paulo: Hedra, 2009.

- **Ramon Llull**

(Palma de Maiorca, 1232? - Túnis ou Palma de Maiorca, 1316)

**A vós, dona virgem santa Maria**

A vós, dona virgem santa Maria,  
dou meu querer, que quer se apaixonar  
por vós tão forte que a mais nada iria  
além de vós desejar nem amar;  
    pois meu querer superaria  
    outro qualquer que não seria  
amar a vós, que sois mãe do amor.  
Quem não vos quer, não tem lugar ao cor.

Pois meu querer quer vossa senhoria,  
o meu lembrar e saber vos vou dar;  
já sem querer, Dona, de que os faria?  
Se a vós, Dona, convém, fazei lembrar,  
    – que entenda e ame a clerezia,  
    para enfim irem a Suria  
aos infieis converter, predicar,  
e que aos cristãos a paz possam levar.

Muito homem diz que morreria  
por vosso filho, havendo o dia;  
mas poucos são os que vão predicar  
aos infieis, que a morte os faz recear.

- **Ausiàs March**

(Valência? c. 1397 - Valência, 1459)

**XXIX**

Como o touro ao deserto vai fugido  
se vencido por seu igual, que o força,  
não volta até recuperada a força  
para destruir quem o haja ofendido,  
assim com me afastar de ti condiz,  
pois teu gesto o meu brio tem confundido:  
não voltarei até que haja vencido  
tal medo que me impede ser feliz.

- **Víctor Balaguer**

(Barcelona, 1824 - Madri, 1901)

**Vou exilado...**

Vou exilado, a alma intranquila,  
cruzando o vale hoje, amanhã a serra,  
passeando minha dor de vila em vila,  
tão longe dos meus, longe de mi'a terra.  
Eu todo dia subo uma montanha,

e onde a voz do eco ao longe testemunha,  
cravando os olhos na região da Espanha,  
eu grito: “Catalunha! Catalunha!”

Tão doces ecos que de serra em serra  
levam a voz que os chama carinhosa,  
levem, eu peço, a minha até a terra  
mais que nunca ao olhar e ao cor formosa.  
E o meu lar saberá mi’a carestia  
e os amigos que longe, por calúnia,  
tão gemedor, aos ecos todo dia  
eu grito: “Catalunha! Catalunha!”

Se desterrado me acho em terra estranha,  
de ingratidão odiosa um vivo exemplo,  
é pelo crime de querer que a Espanha  
pudesse ser da liberdade o templo.  
Falto de amigos me acho toda hora,  
a ver que sempre mais longe me punha  
da pátria, e tão aflito, em voz que chora,  
eu grito: “Catalunha! Catalunha!”

• **Joan Maragall**  
(Barcelona, 1860 - 1911)

### **A vaca cega**

Dando de cara num e noutra tóco,  
seguindo rotineira em busca d’água,  
lá vem tão solitária a vaca. É cega.  
Com boa pontaria e uma pedrada,  
o moleque vazou-lhe um olho, e ao outro  
cobriu uma ferida: a vaca é cega.  
Da fonte vem beber, como antes vinha,  
mas não com a firmeza de outros tempos  
nem com as companheiras: vem sozinha.  
Suas colegas, por declives, morros,  
no silêncio do prado e na ribeira,  
tilintam a sineta, enquanto pastam  
a relva fresca ao léu... Ela cairia.  
Bate o nariz no afiado bebedouro  
e recua, afrontada; mas retorna,  
baixa a cabeça n’água e bebe, calma.  
Bebe pouco, sem sede. Depois ergue  
ao céu, enorme, sua córnea testa  
num grande gesto trágico; então pisca  
sobre as meninas mortas, e se volta,  
órfã de luz embaixo do sol que arde,  
palmilhando um caminho inesquecível,  
brandindo lânguida uma cauda longa.